

JORNAL DOS DEBATES

POLITICOS E LITTERARIOS.

Publica-se nas Quarta-Feiras e Sabbados. — Subscree-se nesta Typographia. — O Preço da Assinatura é de 2U000 rs. por Trimestre; pagos adiantados.

Rio de Janeiro. — Typographia de Crémère, rua do Ouvidor, n. 104.

INTERIOR.

ANALYSE DO MANIFESTO

DO Sr. ANTONIO DIOGO FEIJÓ.

(ARTIGO COMMUNICADO.)

“*Por vós subi á primeira magistratura do imperio, por vós desço hoje d’esse posto eminente.*”

O Sr. Feijó subio á primeira magistratura do Brasil sustentado pela fracção moderada e racional do partido da revolução, mas não deceo *por ella* d’esse posto eminente. A causa, os principios, os interesses do partido que o elevou, foram abandonados pelo Sr. Feijó logo no momento da sua subida ao poder. Elle seguiu sem discrepancia os principios de *Niccoló Machiavelli*, que aconselhava ao príncipe do se não apoiar sobre o partido, que o elevou, ordinariamente exigente, mas sim sobre o partido contrario, que não tendo direito á cousa alguma, tudo acceita como favor, e mostra a mais perfeita docilidade á dominação do príncipe. A subida do Sr. Feijó foi pois seguida immediatamente do desprezo para o partido, que apoiou a sua candidatura á regencia. Extranho ao nobre sentimento da lealdade, lançou-se nos braços da porção a mais descredida do velho partido da contra-revolução. Chamado á governar em nome dos homens da ordem nova, elle os trahio, contrahindo alianças com seus inimigos. O illustre Ferreira da Veiga, esse typo do verdade cidadão, que pela eleição do Sr. Feijó havia jogada em uma só parada toda a sua popularidade foi lançado de lado, e menosprezado. Os eleitores nomearam o Sr. Feijó para continuar no governo os principios, que o partido denominado — *moderado* — proclamou depois da revolução, e que tendiam á dar o melhor destino á este grande acontecimento. O eleito faltou á expectação de todos, collocando-se em

uma posição contraria ao pensamento dos eleitores. Em vez de guardar a constituição, a ferio com a maior imprudencia; tratou de plantar no paiz o arbitrario, e o mandó absoluto, quando a sua missão era a de realisar as instituições livres do Brasil.

Assim tambem o Sr. Feijó não tem direito de fallar da sua consideração para com os Brasileiros, que o fiseram subir á primeira magistratura do imperio.

“*Ha muito conheço os homens, e as cousas.*” O defeito contrario é precisamente aquelle, que os espiritos mais imparciaes de todos os partidos assacam ao ex-regente, o de desconhecer os homens, e as cousas. Na sua politica elle fez abstracção do paiz, das instituições, do tempo, da posição dos partidos, para seguir unicamente o seus instinctos com a mais inflexivel obstinação. Não quiz admitir que era regente em uma monarchia constitucional; que o systema representativo estava fora de toda a discussão, que devia dominar todos os calculos: o ex-regente esqueceo a sua origem, conspirou-se contra a ordem de cousas, que lhe deo o ser; quiz tratar os homens como maquinas, e dobrar as cousas ao seu capricho de ferro, em um paiz, onde a opinião é a unica base dos governos.

O autor do manifesto não conhecia os homens senão sob aspectos favoraveis, visto que em troco de alguns serviços elles o elevarão aos cargos os mais eminentes do estado, e o sustentarião na primeira magistratura do imperio, si por ventura não tivesse projectado governar sem elles. Quanto ao estado das *cousas*, não é facil para governo algum; nenhum pode-se lisongear de caminhar em uma estrada juncada de flores. Mas tratava-se de dar remedio ás *cousas*, e o que fez o ex-regente para conseguir este fim? Nada que revelasse um espirito conhecedor das *cousas e dos homens*. Animado do mais singular systema de *pessimismo* em politica, passava

os dias do seu governo em declamar contra tudo, em irritar-se contra as resistencias suscitadas pelos desatinos da sua politica, em desesperar da sorte do Brasil.

“*Eu estava convencido da impossibilidade de obterem-se medidas legislativas adequadas ás nossas circumstancias, mas forçoso era pagar tributo á gratidão, e fazer-vós conhecer pela experiencia que estava não em meo poder acodir ás necessidades publicas, nem remediar os males, que tanto vos affligem.*”

Em que se fundava a convicção da impossibilidade de obter essas medidas? Similhante declaração é injuriosa de certo para os representantes do Brasil, que se pinta como decididos a negar de um modo absoluto as medidas reclamadas pela causa publica, e a recusar sua confiança a todos os governos. A franca cooeração, que as camaras começaram a conceder ao governo de 19 de Setembro é um solemne desmentido á esta parte do manifesto. Si o illustre ex-regente quiz diser, que não intencionando reconhecer a opinião parlamentar, e os votos da nação, não cantava sobre a concessão de medidas legislativas, então a sua declaração é exacta e verdadeira. Mas neste caso não tem direito de queixar-se; o primeiro dever como a primeira incumbencia das camaras, é o de chamar os governos á ordem legal e á observancia dos interesses publicos, recusando lhes os socorros, de que não myster. Mas he para maravilhar que na convicção profunda, em que estava o regente de não poder acodir ás necessidades do paiz, anceitasse o posto depois de ter empenhado a sua palavra, em que o não acetteria. O manifesto dá-nos como motivos deste procedimento a gratidão, e a necessidade de convencer pela experiencia os eleitores d’essa mesma impotencia. Parece-nos porém, que a experiencia não é permittida, sempre que os destinos publicos perigam por falta de promptos e adequados remedios. A satisfação d’esta prova experimental devia bem caro cus-

tar ao Brasil entorpecido durante dous annos nos braços de um Governo immovel, arbitrario, e negligente. No fim da carreira, o publico acia-se sobejamente convencido, mas teria dispensado a experiencia dolorosa e amarga, por onde a gratidão do regente o fez passar.

“ Não devo por mais tempo conservar-me na regencia. ” Esse não era o dever do regente nomeado para guardar o posto durante quatro annos.

Em vez de desligar-se dos juramentos, devia antes ter observado a linha de demarcação legal posta entre a sua causa, e a do ministerio, devia ter accedido francamente a influencia das camaras, e acquiescido á opinião da nação, revogando os decretos inconstitucionaes, mudando os presidentes, dando os cargos publicos á capacidade, e organisando um ministerio, que este nome merecesse, isto é, parlamentar, homogeneo, solidario. Tal era a obrigação do poder irresponsavel segundo o espirito da nossa forma de governo, que exige que as lutas politicas não saiam do circulo do ministerio, e das camaras. Mas o Sr. Diogo Antonio Feijó quiz governar directamente, identificou a sua causa com a do ministerio, e dahi resulta a crise da sua demissão.

“ Cumpra que lanceis mão de outro cidadão, que, mais habil, ou mais feliz mereça as sympathias dos outros poderes politicos. ” A sorte de um regente, como a de todos aquelles, que governam, não depende da felicidade ou infelicidade propria, e nem das sympathias ou antipathias dos outros poderes politicos. O regimen representativo exclue esta especie de doutrina de fatalismo contida no manifesto. Todo o governo, que se proposer a observancia franca, e verdadeira da constituição, e das leis, que respeitar os outros poderes politicos, que poser peito á satisfazer as exigencias e necessidades do paiz, pode ter a certeza de ser apoiado pela maioria dos cidadãos, e pelas camaras. Si os destinos publicos estivessem sujeitos á contingencia da fortuna, e das sympathias, elles seriam precarios, irregulars, sem base fixa, gravitariam sem lei alguma no cahos obscuro do acaso.

“ Eu poderia narrar-vos as invenciveis difficuldades, que previ, e experimentei; mas para que? ” A narração era em verdade inutil, visto que o publico as conhece mais que muito. E' bom porém ainda uma vez fazer observar, que essas difficuldades não existiriam em grande

parte, si o autor do manifesto em lugar de seguir uma vereda obliqua e tortuosa, houvesse preferido o caminho largo, plano, facil, e seguro, que a opinião publica lhe indicara. As difficuldades, em que labora o Brasil, são grandes, mas não invenciveis, e muito menos o eram na epocha da inauguração do novo regente, quando o nome do Sr. Feijó impunha da maneira a mais vantajosa á imaginação do seu partido, e inspirava uma confiança sem limites.

“ Tenho justificado o acto da minha espontanea demissão, declarando ingenuamente que eu não posso satisfazer ao que de mim desejaes. ” O respeitavel ex-regente motivou, mas não justificou a sua demissão. No espirito da nossa forma de governo, e da lei da regencia a demissão do *primeiro magistrado* não pode ser justificado por causas politicas, como já acima mostramos. O regente do Brasil não está no caso do Presidente dos Estados Unidos, que sendo responsavel, e governando directamente sem a interposição de ministros, deve retirar se, quando sente se na impotencia de preencher a sua missão. Na monarchia representativa porém, todas as crises terminam-se pela mudança dos gabinetes. O Sr. Feijó teria talvez devido motivar a sua demissão com os incommodos, que alteram a sua saude. A molestia, que figura como motivo principal no officio endereçado ao senado, apparece apenas no *post-scriptum* do outro officio ao ministro do imperio, e é inteiramente omittido no manifesto. O modesto motivo de molestia faria, é verdade, menos estrondo, em compensação porém agradaria mais aos espiritos serios, e reflectidos.

“ Qualquer porém, que for a sorte, que a Providencia me depare, eu sou cidadão Brasileiro; prestarei o que devo á patria. ” Algumas pessoas tem tirado d'este remate do manifesto a interpretação, que o Sr. Feijó não renunciou de uma vez ás esperanças de representar qualquer papel no nosso theatro politico, que não considera ainda de todo percorrido o circulo do seu destino, e que vê ainda brilhar a sua estrella em um futuro desconhecido. Nós porém julgamos conformar-nos mais com a verdade tomando aquellas palavras como um simples desfecho de oratoria, ou como a expressão do patriotismo do Sr. Feijó, e nem levaremos mais adiante as observações sobre o manifesto, por que o publico fez-lhe a devida justiça. J. A. R.

Na sessão de 25 do corrente da camara dos deputados passou com grande maioria a emenda do Sr. Carneiro Leão concedendo ao governo um credito de 4,558 contos. O Sr. ministro da fazenda, em nome do novo gabinete, fez na mesma sessão a notavel exposição, que abaixo transcrevemos.

O Sr. Calmon:

Sinto, não poder dar ao nobre deputado (o Sr. Alvares Machado) a alegre noticia que elle espera de mim. Declaro ao nobre deputado que o credito pedido he necessario; declaro mais que a administração actual exige um credito ainda maior. Aos nobres deputados, a quem as demonstrações que vou fazer não convencerem, e mesmo a aquelles que não tiverem confiança na actual administração, fica-lhes a liberdade de votarem contra. A administração actual está resignada a accitar todas as condições do governo representativo (*numerous apoiados*). Ella quer governar com as camaras; quer manter a harmonia entre os poderes politicos. Declaro solemnemente que, no momento em que se formar uma maioria nas camaras contra o ministerio actual, nesse mesmo momento ha de elle ceder o posto (*apoiados*): o eleitor dos ministros convidará cidadãos mais prestantes a que tomem o leme do estado. Esta he a mais formal declaração que tenho a fazer; e desde já previno aos nobres deputados, se por ventura estão apparelhados a negar á actual administração o credito que ella exige, que se apresentem amanhã mesmo ao referido eleitor, e que formem uma nova administração: a actual cede-lhes o posto.

Srs! Eu trepido em me fazer aqui a declaração de principios do actual governo, porque receio que ella provoque uma longa discussão; e tanto mais receio, quanto o nobre deputado, que me dirigio uma tal ou qual interpellação, parece predisposto a querer analysar, e desenvolver o sentido de quaesquer palavras que saiam de minha boca como orgão do ministerio: não que eu tema o combate, não que eu tema a luz que possa apparecer depois da discussão; mas porque o tempo he urgente, precioso, e nós estamos no caso de aproveitar horas e momentos. Receio que uma discussão sobre principios geraes, nos venha aqui tomar todo o tempo; a camara sabe tanto, quanto eu, a conveniencia e necessidade de economisa-lo.

Uma circular, dirigida pelo ministerio a todos os seus delegados, vai apparecer pela imprensa; ahí estão alguns principios que devem regular a administração; mas, como talvez se exija de mim mais alguma coisa, acrescentarei o seguinte:

Administração actual, como já disse, se sujeita a todas as condições do governo, re-

representativo: exige, por consequencia, o apoio dos representantes da nação; e assim que esse apoio lhe faltar, ella se retirará. A administração actual quer manter a constituição, o acto adicional e as leis; por consequencia, vai ella revogando, e ha de revogar todos os decretos e ordens que forem oppostos á mesma constituição, ao acto adicional e ás leis (*numerosos apoiados*). A administração actual fará com pausa e e circunspecção todas as mudanças que o interesse publico exigir no pessoal dos seus delegados. A administração actual toma a peito (e é este um dos seus maiores empenhos) pacificar a provincia do Rio Grande do Sul, e melhorar o estado do Pará que não é menos calamitoso talvez. A administração actual está de mais convencida de que tomou sobre si, na crise em que nos achamos, uma tarefa que desalenta, uma responsabilidade tremenda. Faço justiça ao bom senso de todos os Brasileiros; e certo não haverá alguém que attribua aos membros actuaes o desejo de mando, a ambição de governar; amigos, desafeiçoados, indifferentes, todos concordarão que a administração actual entrando para o poder, nesta crise difficil e assustadora, cedeo somente ás inspirações de seu patriotismo. Mas eu vou entrar em materia.

Os trabalhos que nestes cinco dias foram feitos no thesouro publico e nas duas secretarias da marinha e da guerra, aqui se acham; todos elles sufficientemente desenvolvidos e demonstrados. Eu sinto que todos estes documentos e papeis não possam ser impressos, para que os representantes da nação com mais pausa examinem parcella por parcella; mas elles aqui estão, e podem ficar sobre a mesa. Todavia para supprir esta falta que lastimo, eu procurarei fallar com algum vagar, e fazer as necessarias demonstrações com a clareza que me for possível. Pedirei mesmo aos nobres deputados que quando tenham alguma duvida ou me interpelem ou peçam-me os documentos que aqui tenho.

CIRCULAR AOS PRESIDENTES.

Ill. e Ex. Sr. — Communico a V. Ex. que o Ill. e Ex. Sr. Diogo Antonio Feijó acaba de renunciar espontanea, e livremente o cargo de regente do imperio, em nome do imperador o senhor D. Pedro II; e na forma do acto adicional á constituição assumio a regencia o Ill. e Ex. Sr. Pedro de Araujo Lima, como ministro e secretario de estado dos negocios do imperio; o que V. Ex. verá das inclusas copias.

O primeiro acto do regente interino foi a nomeação de um novo ministerio, para o qual foi chamado, e encarregado dos ne-

gocio da justiça, e interinamente do imperio: e relevando que V. Ex. fique inteirado da marcha que pertende seguir a nova administração, apresso-me a communicar a em geral a V. Ex., reservando o seo desenvolvimento para outros avisos.

Guardar, e fazer guardar a constituição, o acto adicional, e as leis sendo a condição devida de qualquer administração brasileira, ocioso se torna dizer que será a do actual governo. Todavia para que as nossas instituições liberaes produzam os esperados frutos; para que da sua leal, e plena execução resulte a liberdade, e a ordem, é de myster que o governo tenha a necessaria força, porque é só assim que elle pode fazer o bem, e prevenir o mal. Esta força pensa o governo encontra-la na sua propria organização, sujeitando os seus membros a uma reciproca responsabilidade por seus actos governativos, desyelando-se em manter perfeita harmonia entre si, de maneira que a expressão da vontade de um seja a expressão da vontade de todos.

Mas em balde foram os esforços do governo, se a harmonia, que elle pertende manter se não verificar igualmente em os seus delegados. Força é por tanto que o governo ache nestes a necessaria obediencia, a mais activa cooperação, e a mais leal execução de seus deveres. Nada desautorisa, nada debilita tanto um governo, como deparar com obstinação, contrariedade, e indifferença naquelles, a quem deo sua confiança, e de quem devia esperar auxilio, zelo, e conformidade. Um tal procedimento jamais terá o assenso da governo.

Importa que se tranquilisem os empregados publicos: o governo não indagará qual foi o partido que seguiram, e quaes as opiniões que professavam. Elle aceita as lições do passado, mas rejeita as suas suggestões na admissão, ou destituição dos empregos, para os quaes só consultará a aptidão, serviços, probidade, zelo, actividade, e energias.

Não intenta o governo dominar as opiniões, mas não as verá com indifferença, quando hostis aos principios vitaes da administração se produzirem em factos. O governo saberá respeitar todas as ideias, todos os sentimentos, todos os partidos, mas tambem os saberá combater com energia, e punir com toda a severidade das leis, se ousarem recorrer a meios reprovados.

Não ignora, V. Ex., que uma facção armada na provincia do Rio Grande do Sul atropellou as leis, destruiu o socego, depoz a legitima autoridade, menoscabou todas as ordens do governo imperial, e por fim arrojou-se a proclamar um governo republicano. A ninguem se esconde que debellar, e escarmentar a rebellião é um dever de todos os Brasileiros, é o interesse vital da

verdadeira liberdade, essencialmente ligada á união e integridade do Brasil. O governo não perderá instantes, não poupará esforços para restaurar ali o imperio da lei. Possam as calamidades que o crime despejou naquella provincia fazer calir a venda aos fanaticos de ideias avessas ao nosso regimen!

O regente interino, em nome do imperador, espera que V. Ex. dará a maior publicidade ao contendo neste aviso, assim como o exacto e pontual cumprimento; communicando quanto occorrer, com a franqueza propria de seo caracter, na convicção de que o governo quer ouvir a verdade e não expressões agradaveis.

Deos guarde a V. Ex., palacio do Rio de Janeiro, em 20 de Setembro de 1837. — Bernardo Pereira de Vasconcellos. — Sr. presidente da provincia do Pará.

N. B. Na mesma conformidade, e data se expedirão avisos aos presidentes de todas as provincias.

A camara dos deputados reunida ao senado tem de assistir hoje ao juramento do regente interino.

LITTERATURA.

ESTADO DA LITTERATURA DRAMATICA EM FRANÇA.

VICTOR HUGO.

Em 1829 e 1830 começou em França o favor do — ultraromantismo — sistema exagerado, e filho da litteratura romantica, que predominava na Alemanha, e em Inglaterra. A Italia tinha-se sempre conservado no genero classico, como a França, e com a França trilhou tambem a estrada ultraromantica. A Hespanha em quanto teve um sopro de liberdade politica, em quanto conservava as sublimes reminiscencias do tempo do heroico Dom Rodrigo, e das guerras com os Mouros Srs. de Granada, Sevilha e Cordova, em quanto os seus monarchas necessitavam do auxilio dos povos para debellar seus inimigos, e por isso lhes concediam um pouco de liberdade, foi tambem livre na sua litteratura semi — arabica. — Porém a vara de ferro de Felipe II, do assassino de Dom Carlos, do Tiberio moderno, tendo amortecido o amor da patria, vasto, e ardente, que fervia nos corações Ibericos, como o aroma nos sanctos turibulos, obrigou os Hespanhoes á descenderem da escola das grandes ideias e pensamentos, e para se encerrarem no mes-

quinto circulo de pequenas cousas, que estreitam a intelligencia humana. O amor da Patria puro não consiste, como o dos povos Ibericos, desde que os reis tornaram-se verdugos de seus povos, desde que elles foram ao mesmo tempo partes e juizes em suas contendas com as Nações, não consiste n'essa roda mesquinha de amar tão sómente a casa, onde pela primeira vez abrimos os olhos ao mundo, a arvore, que primeira vós saudou no berço, e á cuja sombra iam-nos acobertar, para escapar aos abrasadores raios do sol, a cascata, onde primeiro saciamos a sede, os passaros, que nos échoaram o canticco do nascimento, e a terra, onde pisaram primeiro os nossos passos. Este amor não é aquelle, que nos alarga as faculdades intellectuaes, que nos lança na via do progresso, nobre fim, para o qual a divindade nos criou. Elle sim consiste em amar, e defender as instituições sociaes, contra as aggressões, e golpes, que arbitrariamente se tentam dar nellas, em sermos progressivos, e em avançarmos na civilisação. Todas as vezes, que melhoras tanto intellectuaes como moraes se apresentarem, á nós, que amamos sinceramente a patria, pertence adoptalas, porém de tal maneira, que seja lenta, e legalmente, si acaso ellas tem contra si alguns prejuizos nacionaes, que só com o tempo se podem desvaingar dos nossos compatriotas: o contrario seria atropellar e corromper os costumes, unica base de segurança publica, e tornar de homens livres um rebanho de escravos. E d'esta maneira procedeo o filho do grande Carlos V: os costumes hespanhoes mudaram, e se escravizaram os povos; e a litteratura immediatamente seguia a retrogradação das intuições sociaes, e dos costumes. D'ahi por diante, propriamente fallando, não houve mais litteratura para a Hespanha, e os traductores predominaram sobre o gosto nacional.

Victor Hugo tem as honras de haver creado esse genero bastardo, que só se exalta, e se eleva, no meio de um montão de ruínas, e de crimes, como um d'esses passaros, que só se alegram á vista de cadaveres. Sim, a lyra funebre dos horrores foi a que mais elevados sons échoou, vibrada por as mãos do autor de — Nossa Senhora de Paris, — e como disse um nosso amigo, illustre artista d'esta capital, nas suas excursões por Nápoles; vendo o Oceano banhar o cabo Circéo. —

No festim de um cadaver, que eu devoro,
E meo hymno o furor, meo nectar sangue.

Victor Hugo só no horrível e no tenebroso deparou inspirações: o faser effeito sobre o animo dos expectadores vale mais para elle, na litteratura dramatica, do que as bellas interiores do drama; a forma, isso nada quer

diser, cada qual arranja o que quer, como lhe apraz, embora mesmo seja contra a natureza....

... Pictoribus atque Poetis
... licet.

A sua primeira composiçãõ, em que expendeo o seo novo ou exhumado sistema, foi — Cromwell — drama em 5 actos; imitacão de Dom Carlos de Schiller, quanto á grandesa e extensãõ de tragedia, e á maneira de tratar os objectos. Cromwell é um drama de 4000 versos, onde no meio de muitas insignificantes cousas, se encontra tambem muitas bellas originaes, e depois um *gas*, uma potencia intellectual ardente em seo actor. O caracter do tyranno da Gran-Bretanha, é pintado por *mão de mestre*, como se diz familiarmente; o interesse, apesar da extensãõ de tal obra, facilmente se sustenta, e a curiosidade do leitor se desperta, avançando: porém tambem quantas vezes é forçado á passar de leve scenas inteiras, principalmente aquellas, em que entra o tal Puritano Carr, que não falla sinão em versettos bíblicos, e por comparações extravagantes. Este caracter, apesar de ter um fundo historico, é muito exagerado, e depois estensissimo. A filha de Cromwell é bem delineada pelo poeta, quanto á candura, e innocencia, porém insignificante na parte amorosa. Seo amor por um lord Rochester, personagem extravagante, e sem interesse, nada tem de natural, e lança uma especie de friesa nas scenas, em que ella se apresenta. Este drama acompanhado por um prefacio, como um presente por um bilhete, fez menos sensaçãõ no publico, do que o autor esperava; e si acaso elle de novo immediatamente não apparecesse — com Ernani, — drama em 5 actos, e mais proporcionado á formas dramaticas, seria logo esquecido; porém Victor Hugo não esmoreceo, e breve reapareceo. Tal deve ser sempre a tactica dos *innovadores*.

Ernani é o melhor drama da escola moderna; encerra muitas bellas interiores e de forma, é escrito em lindissimos versos, e interessante no seo enredo. Uma doce ternura, gentileza, e graça, predomina em toda a obra. Os caracteres são verdadeiramente hespanhoes, e traçadas com genio. Aqui o velho Zeloso, nobre da Hespanha, vingativo, ali o joven Hespanhol, vivo, aventureiro e romantico, acolá uma donzella da Iberia, de longos e negros cabellos, que lhe pendem em madeixas, parecendo brincar com o vento, fiel copia das Andalusias, que tanto se assemelham com as Venesianas no enthusiasmo e no amor, que os climas quentes communicam: o amor é descripto n'esta tragedia com forga prodigiosa, e consta geralmente em Paris, que no momento, em que Victor Hugo a compunha, uma paixãõ ardente o

animava, e o inspirava, que esbogando Dona Vol, elle tinha em vista a filha de Paulo Foucher, com quem elle depois casou-se. E na verdade isto é de crer-se, por quanto, nada ha de tanta verdade, e de tanta forga, como a natureza, e um homem possuido de um verdadeiro amor por uma senhora; descreve com todos os sentimentos de praser e de ciume, que elle traz consigo, essas noites sem somno, em que a sombra do objecto amado parece vagar diante dos olhos, em que um praser inexplicavel balança na alma, e que algumas vezes se converte em furor parecendo antolhar um rival odioso, que lhe quer roubar aquella, porque se daria a existencia n'este mundo, e a alma no outro. O menor carinho da amada para outro qualquer é um golpe de punhal, que nos retalha as entranhas, um sorriso nos seus labios, que para nós se não dirige, é um crime.... e o que mais?... Deixemos o episodio.

No meio das personagens d'esta tragedia se acha esbogada a grande figura de Carlos V, rei da Hespanha, e que então anhelava a corça imperial, para estar ao nivel do papa: este apesar de ter encontrado muitos adversarios, é quanto á nosso juizo sublimemente pintado. Esta tragedia é bella, e a melhor de Victor Hugo, assim como mesmo não encontra rivales nas composições dramaticas modernas, si exceptuamos Luiz XI, tragedia de Casimir Delavigne, que conserva na litteratura o meo termo entre os generos classico e ultraromantico; isto é o romantismo puro, o *juste milieu* das letras.

Os outros como: — Maria Tudor, — Marion de Lorme, — Angelo, — Rey se diverte, — são mediocres e muito inferiores aos tres primeiros, apesar de que aqui e ali se deparem as vezes uma ou outra belleza, porém que se assemelham á diamantes lançados no meio de um arcal.

Além de mas composições dramaticas, Victor Hugo é poeta lyrico da primeira ordem, e as suas odes — A Columna — Napoleão II — Supplica — Fogo do Céu — Batalha perdida, etc. — são verdadeiros typos do genio lyrico elevado ao apogéo do bello ideal: além d'isto tem composto alguns romances, entre os quaes brilha Nossa Senhora de Paris.

Victor Hugo deve ter de idade trinta e tres annos, é uma bella figura, e contado entre os mais esbeltos manebos de Paris, a sua cabeça seria admirada por Gall.

Em outro numero fallaremos de Casimir Delavigne, Alexandre Dumas, Eugenio Scribe, que com Victor Hugo representam a musa dramatica em Franga.

P. S.